



Trans/Form/Ação

ISSN: 0101-3173

ISSN: 1980-539X

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

Barroso, Marco Antonio

Comentário a “Ciência e ética em Popper: a ética da responsabilidade dos cientistas”

Trans/Form/Ação, vol. 44, núm. 3, 2021, Julho-Setembro, pp. 107-110

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.08.p107>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384272293008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

COMENTÁRIO A “CIÊNCIA E ÉTICA EM POPPER: A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE DOS CIENTISTAS”

Marco Antonio Barroso¹

Referência do artigo comentado: DIAS, E. A. Ciência e ética em Popper: a ética da responsabilidade dos cientistas. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 3, p. 81-100, 2021.

Historicamente, o filósofo Karl R. Popper destacou-se como epistemólogo e filósofo político, no século XX. Entre suas principais contribuições estão, para a epistemologia, a teoria do *falseacionismo*, a qual afirma que uma teoria nunca pode ser provada, mas pode ser *falseada*, o que significa dizer que pode e deve ser examinada por experimentos. Para a teoria política, contribuiu com o conceito de *sociedade aberta*, no qual defende uma sociedade plural fundada nos princípios da democracia liberal. Ressalta-se, também, no pensamento popperiano, a ideia da crítica como ferramenta fundamental para o progresso científico e social. Como assinala o próprio pensador, em sua autobiografia, tanto *A miséria do historicismo* quanto *A sociedade aberta* surgem da teoria do conhecimento formulada na *Lógica da pesquisa científica*. Ou seja, tanto a teoria política quanto a teoria histórica popperiana surgem da convicção de que são as respostas dadas às questões

¹ Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Ubá), Ubá, MG – Brasil.  <https://orcid.org/0000-0002-9484-2369> E-mail: marco.faria@uemg.br

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.08.p107>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

“O que podemos saber?” e “Até que ponto é certo nosso conhecimento?” que orientam as atitudes humanas (POPPER, 1976, 123).

Destarte, o pensador austro-inglês defende que em ambas, ciências naturais e históricas, toda explicação começa por um mito, que é criticado e revisto – gerando o processo de eliminação crítica dos erros. Surgem assim novos problemas, os quais vão gerar novas conjecturas, isto é, novas teorias provisórias. Para explicação formal de sua ideia, o autor formulou o seguinte esquema simplificado:

$$P_1 \rightarrow TT \rightarrow CD \rightarrow P_2$$

em que P_1 é o problema inicial, TT é a teoria provisória, CD é a discussão crítica que trará novos problemas, ou P_2 .

Mas, em oportuno momento, a professora Elizabeth de Assis Dias nos propõe a reflexão sobre a relação entre ciência e ética, em uma leitura popperiana. Com a reflexão trazida em seu texto, a pesquisadora expande o campo dos estudos acerca da obra do filósofo austro-inglês, Karl R. Popper, em língua portuguesa, analisando as implicações entre ética e ciência, enfatizando a ética da responsabilidade, que estaria na base da teoria popperiana da ciência.

Nosso comentário é, pois, um chamado de atenção para o recorte utilizado por Dias (2021), uma vez que entendemos não ser tão usual a leitura da teoria popperiana pelo viés da ética. Participando do movimento de expansão do campo de interpretação epistemológico, desenvolvido por Karl R. Popper, a autora acompanha Kiesewetter (1997) e Artigas (2001), os quais apontam que seu criticismo e o *falseacionismo*, derivado daquele, teriam raízes éticas. Para esses intérpretes do criticismo popperiano, a concepção de ciência é sustentada por uma ética da responsabilidade, no sentido weberiano, “[...] que pressupõe a autonomia dos cientistas, sua liberdade de escolha, o que os torna responsáveis por suas decisões por determinados ‘padrões’ de pesquisa.”

Essa ética seria, conforme defende Dias, uma renovação do juramento hipocrático à ciência. Dias destaca ainda a reinterpretção da herança kantiana dessa proposição ética, feita por Popper, como o imperativo categórico que orienta o fazer científico. É possível entender a admiração e a influência da ética kantiana em Popper, por meio de seu texto “Immanuel Kant: o filósofo do Esclarecimento (Um discurso por ocasião dos 150 anos da morte de Kant)” (POPPER, 2006). Nesse texto, o filósofo iguala a ética kantiana à sua

teoria do conhecimento, ao conceituá-la, igualmente, como uma “revolução copernicana”. Segundo assevera o autor, Kant humaniza a ética, como humanizou a cosmologia, ou seja, a ciência – lembremos que, no texto “De volta aos pré-socráticos”, Popper (2014) afirma que toda ciência, em alguma medida, é cosmologia.

A revolução copernicana da ética kantiana estaria contida, para Popper, no âmbito de sua doutrina da autonomia, a qual nos impõe a obrigação de recusar a aceitação cega ao comando de qualquer autoridade; caberia a nós decidir, por nossa própria responsabilidade, a moralidade de uma ordem. Na interpretação do pensador austro-inglês, a ética kantiana supera a mera interpretação de que nossa consciência é nossa única autoridade: ela mostra o que nossa consciência exige, de forma imperativa, para que uma ação seja considerada moral. Ressignificando a fórmula do imperativo categórico, escreve Popper (2006, p. 171): “[...] ouse ser livre, e respeite e proteja a liberdade de todos os outros.” E, um pouco mais à frente, conclui: “Kant mostrou que todo homem é livre: não porque nasceu livre, mas porque nasceu com um fardo – o fardo da responsabilidade pela própria liberdade de sua própria decisão.” (POPPER, 2006, p. 172).

Entretanto, como ressalta Dias, esse kantismo ético ressignificado de Popper não é de fundo deontológico, mas pode ser interpretado como: 1) consequencialista, uma vez que considera uma ação como moralmente boa, por meio de suas consequências; 2) como uma ética da responsabilidade, na medida em que exige e pressupõe a responsabilidade das decisões aos sujeitos. Dias assegura que “[...] tal ética não visa pautar as ações humanas de um modo universal, como pretendia Kant, mas sim, o agir de um gênero em particular, o dos cientistas.”

REFERÊNCIAS

ARTIGAS, M. **Lógica y Ética en Karl Popper**. Navarra/España: EUNSA, 2001.

DIAS, E. A. Ciência e ética em Popper: a ética da responsabilidade dos cientistas. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 3, p. 81-100, 2021.

KIESEWETTER, H. Fundamentos éticos da filosofia de Popper”. In: O’HEAR, A. (org.). **Karl Popper: Filosofia e problemas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 325-340.

POPPER, Karl R. **Autobiografia intelectual**. São Paulo: Cultrix, 1976.

POPPER, Karl R. **Em busca de um mundo melhor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

POPPER, Karl R. **O mito do contexto**: em defesa da ciência e da racionalidade. Lisboa: Edições 70, 2009.

POPPER, Karl R. **O mundo de Parmênides**. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

Recebido: 18/11/2020

Aceito: 23/11/2020